

# Filosofia Trágica e Iluminismo\*

Mónica Virasoro

A idéia é uma interpretação de Nietzsche deslindando três momentos de estrutura similar à dialética hegeliana no sentido de que tudo já está no começo. Todos os motivos nietzschianos já estão em germen nas primeiras obras. Eles serão postos, serão negados, para voltar finalmente, não diria superados, mas transfigurados, enriquecidos, não através do desenvolvimento do conceito como em Hegel, mas através de uma experiência de vida. Todo o pensamento de Nietzsche está ligado inseparavelmente às suas próprias transfigurações, o que, em outros termos, ele mesmo define como mudança de pele, transformações voluntárias, nada que tenha de ver com o se deixar levar pela molície, ou guerra contra si mesmo que ele qualifica de infidelidade heróica: “O maior obséquio que pode nos reservar o destino é fazer com que combatamos algum tempo ao lado de nossos adversários.” (FW/GC, § 323) Ou, ainda, como escreveu na epígrafe de *Aurora*: “A serpente perece quando não pode mudar de pele. Do mesmo modo como os espíritos que são impedidos de mudar de opinião; deixam de ser espíritos.” (M/A, § 573).

\* Tradução de Vânia Dutra de Azeredo.

O primeiro momento corresponde ao do jovem Nietzsche, o de *O nascimento da tragédia* e das *Considerações extemporâneas*, o crítico da cultura alemã e por extensão da cultura européia, apoiado na fé em um ressurgimento do espírito dionisiaco através da música alemã na primeira obra e na fé no surgimento do gênio na segunda. Seja este o filósofo educador ou o artista Wagner, e para o caso não importa que este gênio portador da absoluta novidade seja Wagner ou o próprio Nietzsche como ele mesmo confessa em *Ecce homo*. Este momento compreende uma concepção da cultura autêntica como cultura não histórica, que se alcança “desviando a mirada do vir a ser para a arte e a religião, essas forças que a ciência tem como adversas porque só lhes interessa o exame das coisas” (cf. HL/Co. Ext. II). A arte e a religião, nos confins da moral, são zonas de perigo, de risco, de abismo, elas nos provêm os componentes essenciais de uma cultura trágica: a ilusão, o mistério, a embriaguez, ingredientes também de tudo o que vive vida própria. Se o sentido histórico faz perder o sentimento de surpresa, se o sentido histórico desenraíza do porvir porque destrói a atmosfera de ilusão única de onde pode florescer o que tem desejo de viver, então terá de lhe opor os efeitos da arte, um ideal estético que sempre conserva os instintos e pode despertar o querer. Embriaguez, mistério, ilusão: eis aqui o necessário, tanto para a vida quanto para a cultura. Eu não me preocupo com a verdade, dirá Nietzsche, porque o importante não é a verdade, senão o que dela nos serve para a vida. Para isso, assinala-nos também o caminho de retorno aos gregos, sim, porém não para repetir nem imitar mas para se deixar fecundar pelo oráculo délfico, o “conhece-te a ti mesmo” como caminho para organizar o próprio caos, apoiar-se não sobre a ciência que amontoa e se alimenta das experiências alheias, mas sobre a sabedoria que é experiência própria que enquanto provém de um perigo e inspira um desafio é capaz de um ato heróico.

O segundo momento corresponde à mirada genealógica que não começa em *Para genealogia da moral* mas em *Humano demasiado humano*. Costuma-se falar de crítica genealógica, gostaria de assinalar uma diferença: não se trata do que na Segunda *Extemporânea* Nietzsche chama história crítica como mirada daquele a quem tortura uma angústia e quer desembaraçar-se de sua carga, história, portanto, que julga e condena. Abre-se em *Humano demasiado humano* uma etapa do todo diferente anunciada já em suas primeiras páginas quando Nietzsche, depois de haver criticado na Segunda *Extemporânea* a cultura histórica, reclama para a filosofia sentido histórico e acusa o pecado original dos filósofos, a falta de sentido histórico, o fato de que o homem, por exemplo, seja entendido como uma *eterna veritas*. A genealogia teria por fim terminar com a pretensão de verdade e, portanto, terminar com a metafísica enquanto busca de fundamento. Deve pôr manifesto que todas as coisas nasçam de seus contrários, que todas as coisas valoradas tiveram origens baixas e mesquinhas. A genealogia é a busca da correlação de forças que deram origem aos valores. Porém, não há uma atitude de juízo ou de condenação; a vontade de verdade, por exemplo, conectada com a criação de casos idênticos, acha-se a serviço da vida. Nietzsche os entende como erros necessários à autoconservação, de modo que as fictícias estruturas ontológicas que a genealogia desmascara são na realidade as que constituem nosso mundo, este que nos toca, nos pertence e daí o nome de “humano demasiado humano”. Assim, a não verdade, o fato de que nos enganemos, é condição de vida. Há uma correspondência entre ser e pensar, entretanto, em um sentido oposto ao da filosofia tradicional herdada dos eleatas, não no sentido de uma adequação do pensar ao ser, mas no sentido de que o ser seria uma pura ficção.

A genealogia aparece, desse modo, como esta tarefa que Foucault chama cinzenta, meticulosa, uma mirada desencantada que corrobora fria e serenamente a origem carente de grandeza de to-

dos os valores, mirada que permitirá uma compreensão científica de nossa cultura. Tenha-se em conta que quando Nietzsche em *Humano demasiado humano* fala de ciência, que nesta etapa aparece valorada positivamente frente à arte e à religião, geradoras de falsas ilusões e pertencentes a uma etapa infantil da humanidade, não está falando de ciência no sentido tradicional, mas referindo-se a esta tarefa genealógica que mira ao homem de cima a abaixo e que sempre observa as coisas pelo reverso, que se impulsiona por uma impaciente curiosidade em busca do “conhecimento a todo custo”, porque, “Não pode haver nada mais sereno, mais desperto (...) mais divertido do que o mundo e sua sabedoria”. Uma tarefa que exige um certo estranhamento, esfriamento, desilusão, que requer também solidão, mas, ao mesmo tempo, reflete uma “alma confortada, suavizada e no fundo alegre (gozosa), um estado de ânimo que não necessita estar sempre em guarda contra as perfídias”. Atento sempre às diferenças de estilo, Nietzsche atribui a *Humano demasiado humano* uma mudança de tom, “o livro será considerado inteligente, frio, por vezes duro e sarcástico” (EH/EH, *Humano Demasiado Humano*, § 1). Gosto intelectual versus exaltação das paixões. Vale a pena recordar o ensaio de autocrítica de 1886; destaca ali como aqui a recusa da ilusão, da busca do ideal, elementos que na primeira etapa considerava necessários para o surgimento de uma cultura autêntica.

Desde este ponto de vista, a genealogia aparece como método oposto à dialética e pelo mesmo motivo vinculada ao sentimento trágico, mas em um sentido diferente daquele em que se opunha à cultura não histórica. Se na primeira etapa, Nietzsche opõe-se ao hegelianismo em nome do supra-histórico que vai além do vir a ser, aqui se opõe em nome da história empírica. E por que esta oposição entre genealogia e dialética?

A razão em Hegel é sintética, busca o acordo, em Nietzsche, a razão, nesta modalidade genealógica, não realiza nenhum acordo,

portanto, falta o fundamento de um discurso histórico no sentido de esforço sintético, totalizador, não há lugar para nenhuma teleologia que acorde ser e pensar, razão e prática. A genealogia quer desmistificar as falsas legitimações, a genealogia viria a ser o desmascaramento dessa falta de acordo, e a tragédia, o espírito trágico, a contemplação desencantada da contradição, da diferença, a consciência da impossibilidade de uma autêntica cultura que resolva a tensão entre vida e idéia.

Entre os elementos teóricos que se põe em questão está a idéia de totalidade. Ainda que se siga falando, no interior da crise, de totalidade, esta não é mais que uma idéia vazia de sentido interno, não é mais que a soma das determinações particulares. A idéia de totalidade dará lugar em seu processo de dissolução a uma lógica do fragmento.

O outro elemento teórico questionado é a noção de sujeito. À dissolução da idéia de totalidade segue-se a crise do sujeito transcendental que vem a ser então sujeito empírico. Desaparecendo Deus como garantia desaparece também o sujeito enquanto garantia da ordem do mundo e esta falta de garantias afeta tanto o sujeito do conhecimento quanto o sujeito da *práxis*, seu ser no mundo é atravessado pela incerteza e insegurança. A perda do centro, desse lugar transparente e poderoso, dá lugar a outra forma de experiência, experiência da multiplicidade, da dispersão, experiência precária, sim, mas, efetivamente, o verdadeiro destino do homem moderno é o humano demasiado humano. E assim à idéia de sujeito segue-se a de indivíduo que se apresenta como índice de dissociação, contradição irresolúvel, atravessado por uma cisão insolúvel.

Nos encontramos no campo do niilismo, fragmentação, não conciliação, e o começo de um novo momento no pensamento de Nietzsche que considero iniciar em *A gaia ciência* e atingir seu cume em *Assim falava Zaratustra*, momento desejado como uma liberação, mas que supõe ter atravessado as coisas mais amargas, ásperas

e dolorosas do conhecimento. Poderíamos perguntar: há em Nietzsche um intento de superação do niilismo, de ir para além do niilismo? A resposta deixaremos em suspenso. Em todo caso, não se trataria de conciliação ao modo hegeliano, nem da volta à identidade lógico metafísica que mascara as antinomias; a via nietzschiana não será a do conceito, mas a da vida onde se encontram a instigação e o paradoxo; a saída como em Kierkegaard será através do salto, não para um momento superior, mas para uma loucura superior. Há sim, uma nova mudança de tom sobretudo a partir dos últimos fragmentos de *A gaia ciência*. A mirada de cima abaixo sobre o homem dá lugar a um discurso dirigido ao indivíduo e presidido pelo “tu”. Retornam os temas do primeiro Nietzsche agora transformados, transfigurados, e, em que pese a tudo, em termos hegelianos, poderíamos dizer superados. Já não há mesura e serenidade mas a desmesura, a exaltação dos instintos, o gosto pelos extremos e o habitar nas cornijas, a vida é perigo e desafio e assim há de se vivê-la. Como no primeiro período Nietzsche diz já não se preocupar com a verdade, o que interessa não é a verdade ou a falsidade de um juízo senão em que medida ele favorece a vida, “Com todo valor que possa merecer o que é verdadeiro, veraz, desinteressado: é possível que se deva atribuir à aparência, à vontade de engano, ao egoísmo e à cobiça um valor mais alto e mais fundamental para a vida” (JGB/BM, § 2). A arte também retoma seu lugar central. “...a arte, na qual precisamente a *mentira* se santifica, a *vontade de ilusão* tem a boa consciência a seu favor, opõe-se bem mais radicalmente do que a ciência ao ideal ascético” (GM/GM, III, § 25). Nietzsche fala agora aos ébrios de enigmas, aos que podendo adivinhar odeiam o deduzir. Reaparece a idéia de gênio, porém agora também transfigurada. Nietzsche já não fala de gênio, fala do homem grande, o grão homem (*el gran hombre*), aquele que tendo posto entre parênteses o instinto de conservação possui uma força transbordante, que não pode medir, que não pode frear, que inces-

santemente se esbanja porque sua grandeza está no dar-se. É o homem, que tendo desenvolvido ao máximo sua vontade de potência e entesourado todo o passado, transforma-se em uma força vulcânica prestes a voar por cima de seu tempo e projetar-se ao porvir, é um extemporâneo. Dele pode nascer o além do homem que não é uma entidade real mas uma meta, o homem é uma ponte, uma corda estendida, um trânsito para essa outra coisa, o além do homem, uma quimera, um porvir. É ademais – fato sintomático – aparece a idéia do eterno retorno. É certo que aparece como o mais pesado dos pesos na voz de um demônio que persegue na mais solitária das solidões, embora haja a possibilidade desse demônio ser visto como um Deus. Essa cantinela do espírito do peso pode ser também a mais exultante revelação. “Quanto é preciso amar a vida para não querer mais do que essa suprema e eterna confirmação...” (FW/GC, § 341).

É o caminho de retorno, podemos fazer um esboço do pensamento nietzschiano sobre o modelo da dialética hegeliana. O ponto de partida regressa conservado, superado: romantismo, iluminismo, ou espírito trágico, intelectualismo e retorno ao espírito trágico, ou ainda crítica da cultura e filosofia do porvir. Muitas são as maneiras de expressar estas transfigurações provocadas por essa vontade de sacrifício de si, de infidelidade heróica, de renúncia ao si mesmo para permanecer no si mesmo.

